

AS MANIFESTAÇÕES DA HETEROTOPIA: A CIDADE SOB O SKATE FLANANTE

THE MANIFESTATIONS OF HETEROTOPY: THE CITY UNDER THE FLANEUR
SKATEBOARD

Leonardo Brandão
Universidade Universidade Regional de Blumenau
leobrandao@furb.br

Giancarlo Marques Carraro Machado
Universidade Estadual de Montes Claros
giancarlo.machado@unimontes.br

Resumo: Heterotopia significa a invenção de outros espaços dentro dos próprios espaços. Nesse sentido, a ideia de uma cidade heterotópica seria aquela na qual as heterotopias seriam possíveis e acompanhassem seu cotidiano. Este artigo tem por objetivo dissertar sobre a noção de heterotopia em comparação com a prática do skate urbano. Parte-se da hipótese de que as heterotopias podem ser localizáveis, demonstráveis. Para tanto, delimitou-se aqui a prática do skate urbano (também conhecido como street skate) como um objeto real promotor de heterotopias, analisando sua conformação, entre 2015 a 2020, junto a um grupo de skatistas paulistanos que se auto intitulam Flanantes.

Palavras-chave: Heterotopia; Cidade Heterotópica; Skate; Flanantes.

Abstract: Heterotopia means the invention of other spaces within the spaces themselves. In this sense, the idea of a heterotopic city would be one in which heterotopias would be possible and accompany their daily lives. This article aims to discuss the notion of heterotopia in comparison with the practice of urban skateboarding. It starts from the hypothesis that heterotopias can be localizable, demonstrable. In order to do so, the practice of urban skateboarding (also known as street skateboarding) was delimited as a real object that promotes heterotopias, analyzing its conformation, between 2015 to 2020, with a group of skaters from São Paulo who call themselves Flanantes.

Keywords: Heterotopia; Heterotopic City; Skateboard; Flanantes.

Cidade, Controle Espacial e Heterotopia

A cidade é um organismo vivo, pulsante, um ímã que atrai e uma aposta civilizacional de séculos. Segundo o geógrafo David Harvey, “a cidade é o lugar onde as pessoas de todos os tipos e classes se misturam, ainda que relutante e conflituosamente, para produzir uma vida em comum, embora perpetuamente mutável e transitória” (2014, p. 134). Entretanto, embora essa representação idealizada da cidade seja algo que está em nosso imaginário social, não são poucos os analistas que percebem uma suposta perda da comunidade urbana, onde cercamentos, controles espaciais, vigilância e policiamento acabam por gerar um efeito negativo e inibidor sobre as vivências urbanas.

Muito do que passamos a compreender como vigilância e policiamento decorre dos estudos do filósofo Michel Foucault, em especial com o livro “Vigiar e Punir” e, também, de muitos de seus cursos e estudos. Numa aula que proferiu sobre a “Sociedade Punitiva”, por exemplo, Foucault (1997) explica que o surgimento do panoptismo implicou numa intervenção na distribuição espacial dos indivíduos (no encarceramento temporário de mendigos e vagabundos, por exemplo) com o objetivo de proibir-lhes de circular pelas ruas das cidades. Teve início uma maneira de agir sobre o fluxo da população que, de distintos modos, chegou aos nossos dias.

Segundo Foucault, “o panoptismo, a disciplina e a normalização caracterizam esquematicamente essa nova investida do poder sobre os corpos” (1997, p. 42). E é nesse sentido que ele compreende tais procedimentos como um capítulo da história do corpo, uma vez que, a partir deles, “o corpo não precisa mais ser marcado; deve ser adestrado, formado e reformado; seu tempo deve ser medido e plenamente utilizado; suas forças devem ser continuamente aplicadas ao trabalho” (1997, p. 42). Ao explicar a emergência desses procedimentos, Foucault escreve que:

Uma nova ótica, em primeiro lugar: órgão de vigilância generalizada e constante; tudo deve ser observado, visto, transmitido: organização de uma polícia; instituição de um sistema de arquivos (com fichas individuais), estabelecimento de um panoptismo. Uma nova mecânica: isolamento e agrupamento dos indivíduos; localização dos corpos; utilização máxima das

forças; controle e melhoramento do rendimento; em suma, estabelecimento de toda uma disciplina da vida, do tempo, das energias (1997, p. 41).

Foucault vai desdobrar os estudos sobre o panoptismo com a biopolítica¹, e isso no contexto do desenvolvimento do capitalismo². Foucault entende por biopolítica toda uma série de intervenções e controles reguladores que se exerce sobre a população. Segundo ele, “as disciplinas do corpo e as regulações da população constituem os dois pólos em torno dos quais se desenvolveu a organização do poder sobre a vida” (1988, p. 152). Assim, essa nova tecnologia de duas faces acaba por fazer com que a vida e seus mecanismos adentrem num domínio que, a um só tempo, tanto apresenta-se como um elemento indispensável para o desenvolvimento e a manutenção do capitalismo (pois garante uma inserção controlada dos corpos neste sistema) quanto, também, para complementar em *campo aberto* o poder disciplinar (que geralmente ocorre em lugares fechados, tais como escolas, fábricas, quartéis, etc).

Acerca dessa relação – paradoxal – com o capitalismo, Ildenilson Meireles observa que,

Orientada desde sua base pelo paradoxo, uma sociedade de biopoder precisa expandir suas tecnologias até onde se situam vidas passíveis de serem administradas, ainda que essas vidas pareçam, de relance, inutilizáveis e sem valor. No entanto, a expansão do biopoder sobre a vida, assim como a expansão do capitalismo sobre a periferia, não pode ter sucesso se não mantiver um nível aceitável de coordenação daquilo que toma para si como alvo. O paradoxo não deve ser um entrave à dinâmica do biopoder – e do capitalismo –, mas seu móbil fundamental. (p. 325)

¹ Ver o capítulo V do primeiro volume da História da Sexualidade e, também, o curso “Segurança, Território e População”, ministrado por Foucault no ano de 1978.

² Nas palavras de Foucault: “Qual é o tipo de investimento do corpo que é necessário e suficiente ao funcionamento de uma sociedade capitalista como a nossa? Eu penso que, do século XVII ao início do século XX, acreditou-se que o investimento do corpo pelo poder devia ser denso, rígido, constante, meticuloso. Daí esses terríveis regimes disciplinares que se encontram nas escolas, nos hospitais, nas casernas, nas oficinas, nas cidades, nos edifícios, nas famílias...E depois, a partir dos anos sessenta, percebeu-se que este poder tão rígido não era assim tão indispensável quanto se acreditava, que as sociedades industriais podiam se contentar com um poder muito mais tênue sobre o corpo” (FOUCAULT, 1979, p. 148).

Com o crescimento das grandes cidades – e o aparecimento da população como uma preocupação constante – essa nova tecnologia que Foucault chama de biopolítica (que se exerce como um biopoder), não vai substituir a disciplina, mas sim complementá-la. Se a disciplina age sobre o corpo do indivíduo, o biopoder agirá sobre as populações. Deste modo, as populações empobrecidas da periferia das grandes e médias cidades, andarilhos, usuários de drogas, desocupados, desempregados, menores abandonados etc, passam a entrar no radar do biopoder; o qual, para garantir que outra parte da sociedade viva bem, ele pode deixar a outra parte morrer, o que constituiria um paradoxo fundamental e estruturante do biopoder. Assim, por meio desse paradoxo, ele usa de projetos de contenção da violência urbana, mas uma violência gerada pela forma como o próprio estado passou a se organizar e, de certo modo, produzir. Neste sentido, ele acaba por justificar uma violência aceitável um nome da normalização urbana.

Um bom exemplo neste sentido está num recente livro do pesquisador Rogério Haesbaert (2014). No capítulo intitulado “Cidade vigiada, cidade imobilizada: Rio de Janeiro do *Big Brother* aos novos muros”, ele explica como a cidade do Rio de Janeiro implementou um grande sistema de vigilância urbana através de um mecanismo desenvolvido pelo Centro de Operações Rio (COR). Trata-se, em suas palavras, de toda uma gestão do espaço social que passou a ser produzida tendo em vista um processo de contínua vigilância e de imobilização urbana através do uso de sofisticados dispositivos de controle utilizados com o apoio de tecnologias informacionais.

O COR é ligado à Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro e é responsável pelo monitoramento da cidade através de 600 câmeras, que tem como base uma sala de controle com o “maior telão da América Latina”, composto por 80 monitores e com 400 profissionais contratados para essa função, revezando-se em turnos para melhor exercer a tarefa do monitoramento e vigilância da cidade. Assim, portanto, de acordo com o que Haesbaert afirma: “a cidade informatizada e supermonitorada do futuro se delinea hoje no COR do Rio de Janeiro” (2014, p. 242).

Disciplina, Panoptismo... Biopolítica. Haveria como escapar desses enlaçamentos? Foucault pouco escreveu sobre as fugas e/ou os corpos rebeldes, mas existem alguns textos em sua extensa bibliografia que parecem sugerir pontos

de fuga. Acreditamos que a ideia de heterotopia seja uma delas.

Heterotopia não é Utopia, ela não promete um mundo melhor no futuro, mas significa a invenção de outros espaços dentro dos próprios espaços no tempo do aqui-agora. O termo apareceu pela primeira vez nos escritos de Foucault, e de forma muito breve, no livro “As palavras e as coisas”, publicado inicialmente na França no ano de 1966. No entanto, foi somente a partir de uma Conferência ao Círculo de Estudos Arquiteturais de Paris, proferida em março de 1967 (e publicada posteriormente no Brasil com o título de “Outros Espaços”), que o filósofo forneceu ao conceito algum estofamento teórico e operacionalidade. Deste modo, segundo ele, as heterotopias seriam:

Lugares reais, lugares efetivos, lugares que são delineados na própria instituição da sociedade, e que são espécies de contraposicionamentos, espécies de utopias efetivamente realizadas nas quais os posicionamentos reais, todos os outros posicionamentos reais que se pode encontrar no interior da cultura estão ao mesmo tempo representados, contestados e invertidos, espécies de lugares que estão fora de todos os lugares, embora eles sejam efetivamente localizáveis (FOUCAULT, 2009, p. 415).

Ao analisar a noção de *heterotopia* em Michel Foucault, Rodrigo Valverde, professor do Departamento de Geografia da USP, afirmou que o propósito de Foucault fora o de trabalhar com uma forma de concepção espacial que valorizasse a “presença de múltiplas representações conflitantes em uma mesma área” (2009, p. 10). Nesse sentido, a virtude de tal noção estaria em nos induzir a uma compreensão mais complexa e heterogênea do espaço, permitindo-nos apontar a existência de percepções que fugiriam da racionalidade instrumental moderna. Para Foucault, portanto, existiriam certos espaços que, em função da movimentação de atores e de seus significados, poderiam ser pensados como espaços de inversão, suspensão ou neutralização da ordem oficial. Assim, é por isso que, nesse sentido, Foucault afirma que:

A época atual seria talvez de preferência a época do espaço. Estamos na época do simultâneo, estamos na época da justaposição, do próximo e do longínquo, do lado a lado, do disperso. Estamos em um momento em que o mundo se

experimenta, acredito, menos como uma grande via que se desenvolveria através dos tempos do que como uma rede que religa pontos e que entrecruza sua trama (FOUCAULT, 2009, p. 411).

E o que o skate tem a ver com tudo isso? Ora, a prática do skate, um instrumento que há décadas vem fascinando inúmeras pessoas (entre crianças, jovens e adultos de ambos os sexos) pode nos oferecer um exemplo interessante de heterotopia. Neste artigo, iremos a seguir abordar brevemente seu desenvolvimento e, posteriormente, compreender tanto o fascínio exercido pelas cidades sobre alguns skatistas quanto o modo como muitos a interpretam como espaços heterotópicos, tomando como referência o coletivo Flanantes.

Skate, skatistas e heterotopias

Em primeiro lugar, é preciso deixar claro que existe toda uma dimensão esportivizada do skate que nada (ou quase nada) tem a ver com heterotopia. A prática do skate não é algo único e com uma identidade consolidada (BRANDÃO, 2014). Não iremos nos ater aqui ao que pode ser chamado de skate-esporte, isto é, aos praticantes que fazem da atividade um uso esportivo, participam de campeonatos, treinam em pistas especializadas e buscam no exercício desta atividade um nível de performance que a qualifica na estrutura de um esporte de rendimento, tal como demonstrado nas últimas Olimpíadas, por exemplo.

O tipo de skate sobre o qual este artigo trata é outro. Aqui abordamos o skate urbano, praticado nos espaços da cidade, espaços esses que não foram projetados para o uso do skate, mas que são apropriados para esta finalidade. Esta vertente do skate, a qual chamamos de Skate Urbano – conhecida nos Estados Unidos pelo termo *street skate* – surgiu durante a segunda metade da década de 1980 e vem se desenvolvendo desde então. No videodocumentário intitulado “Bones Brigade: an autobiography”, dirigido por Stacy Peralta e lançado no ano 2012, o skatista norte-americano Mike Vallely, um dos pioneiros desta modalidade e ex-membro da equipe *Bones Brigade*, explica o impacto que o surgimento do skate praticado no espaço urbano causou no modo como ele e seus amigos

skatistas da época representavam sua cidade:

Morávamos numa cidade morta sem nenhum lugar para onde ir. E quando o skate apareceu, especialmente o skate de rua, isso tornou nossa cidade suportável. Tornou o lugar possível de morar, porque a ampliou, sabe? Era como se as possibilidades se tornassem intermináveis numa cidade que antes parecia não ter nada a oferecer. De repente era tipo: Esse lugar não é tão ruim. Ali tem um meio-fio, um banco, alguns degraus e um muro”. Foi como se tudo tivesse sido redefinido. Não eram coisas que confinavam e definiam nossas vidas. Eram coisas que nós estávamos definindo³.

A partir do experimentalismo estético/espacial que os skatistas de rua passaram a realizar, e que certamente não era o posicionamento esperado pelos urbanistas, arquitetos e demais pensadores do urbano, podemos identificar nessa atividade uma série de contrapositionamentos heterotópicos. De fato, esse uso do skate engendrava uma forma de ver e utilizar o espaço que não era o previsto nem o aceitável institucionalmente. Pois fazer de um corrimão um obstáculo e não um instrumento de ajuda para apoiar o corpo, usar escadas para saltos e não como um auxílio para se passar de um nível ao outro do pavimento são exemplos concretos, reais e localizáveis de heterotopias; isto é, de invenção de outros espaços dentro dos próprios espaços.

³ Depoimento do skatista Mike Vallely, contido no documentário: “Bones Brigade: an autobiography”, dirigido por Stacy Peralta, EUA, 2012. Obs: A tradução transcrita na citação é a que se encontra nas legendas deste vídeo, aos 54 minutos.



Imagem 1: O skatista Murilo Romão do coletivo “Flanantes” executando uma manobra⁴ na Avenida Paulista. Foto: André Calvão

Dentre os diversos grupos de skatistas que fazem uso do skate urbano, destaca-se já há alguns anos o coletivo Flanantes, oriundo da cidade de São Paulo. O nome Flanantes vem da figura do *flâneur* (palavra de origem francesa que significa “vagabundo”, “turista”, “observador”); o que indica alguém que se desloca, que deambula pelos centros urbanos, fixando residência no numeroso, no ondulante, no fugidio; o flâneur era aquele que “contempla as paisagens da cidade grande, paisagens de pedra acariciadas pela bruma ou fustigadas pelos sopros do sol” (BAUDELAIRE, 1996, p. 22). Na atualidade, o flâneur não apenas caminha, mas desliza sobre rodas, cambaleia, contorce-se, contempla e se apropria das paisagens urbanas. Na velocidade do skate, o flâneur observa tudo mais rápido, mas também seleciona e recorta aquilo que quer ver. Entretanto, um aspecto guarda uma grande diferença entre o flâneur baudelairiano com o flâneur contemporâneo: enquanto aquele se fazia oculto na multidão, este desperta os olhares por onde passa. Este

⁴ Esta manobra chama-se Feeble e consiste em deslizar com o eixo de trás e parte do shape. Ela está sendo executada na parte superior do cano do guard rail que se encontrava tombado (provavelmente devido a algum acidente com carro).

novo flâneur deslizante não só vê o mundo como é por ele olhado, fustigado, apreciado ou seduzido (BRANDÃO, 2011, p. 80).

Como afirmado, o coletivo Flanantes surgiu na cidade de São Paulo em meados de 2015, capitaneado pelo skatista Murilo Romão (que além de skatista profissional, também atua como comunicador social, *videomaker* e diretor). O diferencial dos Flanantes está na produção de vídeos de skate, sendo que o próprio surgimento deste coletivo liga-se à produção de seu primeiro audiovisual, intitulado “Ser do Centro”, o qual retratou a prática do skate urbano no centro de São Paulo, em especial na Praça Roosevelt, enfatizando os conflitos gerados pela disputa por esse espaço entre skatistas e diversos outros atores sociais, tais como moradores dos arredores, ciclistas, pedestres, transeuntes etc. Este vídeo “propõe a associação do ambiente caótico encontrado nas metrópoles e a prática do skate urbano, para assim trazer a necessidade de repensar a maneira como a qualidade do espaço físico influencia nessas dinâmicas”⁵.

Embora o grupo tenha um caráter aberto (para a produção dos vídeos, eles também recebem imagens de skatistas de outras cidades, por exemplo), em seu portfólio oficial são listados os nomes dos seguintes skatistas como parte daquilo que podemos chamar de o núcleo duro dos Flanantes: Murilo Romão, Luís Apelão, Diego Wanks, Leonardo Fagunes, Gustavo Dias, Pedro Volpi, Klaus Bohms, Daniel Marques e André Porto (que também é designer e diretor de arte nos filmes produzidos por este coletivo). Até o ano de 2022, os Flanantes já produziram vinte filmes sobre skate, são eles: Ser do Centro (2015); Flanantes (2016); Sob a aparente desordem (2016); Situacionistas (2017); Derivas (2017); Flanights (2017); Deambulações (2018); Blaze x Flanantes (2018); Mitos Vadios (2018); Against Le Corbu (2019); James Browse (2019); Zonzo (2019); Flanantopias (2020); Reinterpedra (2020); Valeros (2020); Rizomas (2020); Ludens (2021); Pedra sobre Pedra (2021); Táticas (2021) e Provos (2022). Todos esses vídeos estão disponíveis no YouTube, alguns no canal do próprio Murilo Romão e outros em mídias especializadas em skate, como a *Black Media* ou a *CemporcentoSKATE*.

A temática central de todos esses filmes supracitados é a prática do skate

⁵ Portfólio Flanantes (cedido por Murilo Romão).

urbano, misturando manobras pelas ruas da cidade com reflexões de filósofos, historiadores, sociólogos, antropólogos e demais pensadores da urbe. O vídeo autointitulado *Flanantes*, de 2016, por exemplo, é todo ele baseado no artigo: “Elogio aos Errantes”, escrito pela arquiteta-pesquisadora da UFBA, Paola Berenstein. O vídeo “*Situacionistas*”, de 2017, retrata à prática do skate em meio a citações de Guy Debord e Constant Nieuwenhuys, com destaque para suas ideias ligadas à psicogeografia, à produção de mapas psico-afetivos e arte da deriva. Trata-se de uma produção focada em apresentar não apenas o exercício de uma prática corporal — o skate —, mas também os usos criativos que podem ser feitos pelas ruas das cidades. Em seu portfólio, é lembrado que a primeira exibição deste vídeo ocorreu após um seminário na Câmara Municipal de São Paulo sobre a Praça Roosevelt. Participaram deste seminário arquitetos, skatistas, moradores, atores, poetas e pessoas que frequentam e disputam esse espaço; buscando incentivar o diálogo entre todos eles e fomentando o debate sobre os usos da cidade.

“*Sob a aparente desordem*” (2017) foi um curta-metragem que visou comparar o skate com a dança, sendo ele premiado – neste mesmo ano – no festival *Mimpi*, um festival de vídeos de surfe e skate que acontece no Rio de Janeiro. “*Deambulações*” (2018) foi produzido sob inspiração das ideias dos artistas Flávio de Carvalho e Hélio Oiticica, que em suas experiências de delírio ambulatório, buscavam sair do “lugar banal”. A *premier* do *Deambulações* ocorreu no formato de cinema de rua, no Centro Cultural Ouvidor, numa região central de São Paulo. Já sobre o filme “*Mitos e Vadios*”, Murilo Romão registrou em seu portfólio que:

Mitos Vadios é o nome de uma performance idealizada por Ivald Granato em 1978 que aconteceu na Rua Augusta em São Paulo. Em 2018, o coletivo *Flanantes* ressignificou e homenageou essa performance com uma associação com a prática de skate na cidade. O vídeo teve uma ótima recepção do público, levando o coletivo a ser convidados para encontros sobre Arquitetura e Urbanismo promovidos por universidades, e ainda o convite para integrar o acervo de Ivald Granato, filha do artista⁶.

O vídeo *Zonzo* (2019) teve inspiração nas ideias do arquiteto italiano Francesco Careri, em especial no livro “*Walkscapes: o caminhar como prática*

⁶ Portfólio *Flanantes* (cedido por Murilo Romão), p. 16.

estética”, no qual Careri revela a potencialidade do andar na condição de uma prática espacial que contribui para questionar as relações de poder e controle que perpassam os espaços urbanos. Em sua visão, “quem perde tempo, ganha espaço”. Os skatistas usam e abusam dessa perspectiva e fazem da busca pelos espaços skatáveis uma maneira de colocar em xeque a cidade. Ao resistirem as suas normatizações, ela se torna, portanto, uma obra em permanente construção. Zonzo se destaca pelo nível de skate de seus protagonistas – skatistas como Luiz Apelão, Didi Wanks, Peter Volpi, Alexandre Cotinz, Klaus Bohms, o próprio Murilo Romão, dentre muitos outros –, mas também pela sua parte musical e artística.

Os vídeos mais recentes do coletivo trouxeram reflexões ligadas aos pensadores Gilles Deleuze (no filme “Rizomas”, de 2020), Michel Foucault (no filme “Flanantopias”, de 2020) e Johan Huizinga (no filme “Ludens”, de 2021). Assim, os Flanantes se auto intitulam como um coletivo voltado para a arte de interpretar a cidade, registram essas interpretações/apropriações no formato de curtos vídeos de skate (geralmente entre 20 a 30 minutos de duração) e o fazem a partir de reflexões advindas, sobretudo, do universo acadêmico, com frases desses pensadores aparecendo em diversos frames, sempre misturadas com manobras de skate. O resultado é um convite para se pensar o espaço para além do lugar-comum, como um palco para invenções e deslizamentos.

Seu fundador, o já citado Murilo Romão, começou a praticar skate no início do ano 2000, por influência de seu irmão, que já tinha skate e o levava, às vezes, para o centro da cidade de São Paulo, onde ele via vários skatistas praticando nos espaços urbanos, principalmente no Vale do Anhangabaú. Rapidamente, Romão tomou gosto pela atividade e começou a praticar diariamente.

Por que o skate de rua o atraiu tanto? Romão, atualmente na faixa-etária dos 30 e poucos anos, explica que começou a andar de skate com 12 anos de idade. Ele conta que, no início, chegou a praticar em algumas pistas que ficavam próximas da sua casa, mas que:

[...] quando eu ia pra rua eu tinha uma sensação diferente de andar de skate, porque era uma experiência mesmo, não era um lugar definido para você andar, você podia andar em qualquer lugar, então, ia muito da imaginação. O que você queria fazer e o que o

seu nível de skate proporcionava fazer né! Então eu comecei a ficar muito mais empolgado de andar na rua porque era mais desafiador e tinha esse clima de interação com outras pessoas também, que você tinha que ir se adaptando! (Entrevista aos autores).

Romão explica que tais experiências iam o fazendo pensar numa “noção mais ampla de espaço público”, pois elas o faziam perceber que “a cidade está em disputa! Cada um está ali ocupando um lugar, então, o skate às vezes incomoda, mas a gente ia sempre tentando achar brechas para andar nos lugares, às vezes, conversava com quem estava atrapalhando ali, falava para sentar em outro lugar”.

Segundo nosso depoente, “era na rua que o skate acontecia de verdade! É na rua que acontecia a magia do skate”, pois a mesma sensação ele não sentia ao praticar em pistas de skate. Em suas palavras: “eu já achava muito mais legal andar na rua do que em pista! E eu via que os caras que andavam na rua, eles tinham um gingado diferente, sabe?”; e continua argumentando: “Eles tinham um outro estilo mesmo! Porque você tem que ser mais leve, tem que ser mais solto para andar na rua, é difícil, pois o chão às vezes não é tão bom e você tem que estar sempre se adaptando!”.

No trecho a seguir, Romão explicita detalhes entre a prática nas pistas e nas ruas, destacando uma experiência na Praça Roosevelt, no centro da cidade de São Paulo, no qual apenas em determinado horário do dia a projeção do sol queimando a vela possibilitava determinadas manobras de skate:

Na pista é tudo liso né! A pista é sempre lisinha, a cantoneira vai sempre deslizar; mas isso eu fui perceber mais velho, você andar numa borda de rua, toda esburacada, dá para deslizar manobras também, é só uma questão do jeito, de ficar mais leve, de pegar certa parte do eixo, só a pontinha! Você vai dar um crooked numa borda de rua, tem que pegar só a pontinha do truck, não pode pegar o truck inteiro igual você encaixar num caixote de pista que vai deslizar de qualquer jeito o crooked, sabe? Então são pequenos detalhes que você vai percebendo com o tempo! Até mesmo o horário que a borda desliza mais, sabe? É uma doidera, porque você vai pegando a materialidade da cidade de um jeito! Igual na Roosevelt, quando a gente estava andando lá direto, era às 5h, 6h da tarde, no fim de tarde, quando bateu o sol e a vela já estava, tipo, derretida mas não ao ponto de estar mole, sabe? Então tinha esse horário que deslizava muito! Por exemplo, você ia filmar uma manobra nessa bordinha da Roosevelt, que todo mundo andava,

tinha um horário que deslizava mais...Se você fosse ao meio dia, não deslizava, porque o sol estava batendo em cima né! Então são essas pequenas “manhas” que a rua vai ensinando pra gente! (Entrevista aos autores).

Sem dúvida, na cidade de São Paulo, a praça Roosevelt configura-se como sendo um dos locais de maior aglomeração de skatistas. Eles a ocupam desde a década de 1980, mas seu uso foi intensificado após 2012, quando essa praça passou por uma intensa revitalização. O antropólogo Giancarlo Machado chegou a realizar uma etnografia neste espaço em 2013, acompanhando sessões e eventos ligados ao skatismo neste lugar, e sobretudo analisando tal território a partir de suas apropriações e conflitos que o uso do skate nos bancos acabou por incitar. Machado aponta que a praça é um espaço disputado por múltiplos agentes, mas que os skatistas se sobrepõem aos demais cidadãos pelo uso intenso que fazem do lugar (MACHADO, 2014). Tais experiências, certamente, dizem muito sobre um estar-na-rua, de viver a experiência urbana como heterotopia, tendo o espaço como um eixo de ligação entre os corpos.

Como afirmado, a principal característica que distingue os Flanantes de outros coletivos de skate é o empenho na produção constante de vídeos autorais e independentes. Foram vários os vídeos lançados por Murilo Romão, que fez faculdade de Rádio e TV, onde estudou audiovisual. Numa matéria publicada no ano de 2016 na revista *CemporcentoSKATE*, Romão explica que quando começou a ter a ideia de filmar skate, ele já buscou tematizar o mesmo a partir de leituras que fazia, em suas palavras: “ eu li uns trechos do livro do cronista João do Rio ('A alma encantadora das ruas'), daí eu comecei a ficar empolgado, pois tinha muito a ver com o skate. A cidade, as suas mudanças, e tudo isto virou um tema para produzir o Flanantes”.

Já numa outra entrevista, realizada em 2017 e publicada no site da revista *Vista* sob o título de “Situacionistas realidades”, Romão, num papo com Fernando Denti, revelou o que está por trás de seu interesse em filmar o skate na cidade.

Uma das minhas motivações, sinceramente, é preencher essa lacuna que existe de vídeos que relacionem o skate aos conflitos e disputas que acontecem nas grandes cidades. A todo momento se disputa o público, já que é de todo mundo, ao mesmo tempo não é

de ninguém, quais os usos que se podem fazer de uma cidade e que lugar o skatista ocupa em tempos em que o espaço urbano está sendo reconquistado pela população ou por grandes empresas.

Como se observa, o interesse de Romão está nesta capacidade que o skate urbano apresenta em experimentar a cidade, sabendo que, ao mesmo tempo, ela é um local em disputa. Um outro ponto abordado nesta entrevista foi sua expectativa, à época, com a iminente entrada do skate nas Olimpíadas:

Eu acho que com essa entrada na olimpíadas devemos firmar o outro lado do skate, esse que gostamos da cultura, esse que se pratica na cidade, que dá novos usos ao mobiliário urbano, imagino que com esse inevitável enquadramento do skate apenas como esporte, sua prática na rua vai ser cada vez mais combatida e hostilizada, então devemos saber como proceder nesses momentos para mostrar que podemos transformar os lugares, deixando-os mais seguros até, mostrar também que existe um mercado que sobrevive dessa outra prática que não a olímpica, e as duas podem existir⁷.

Considerações finais

Ao colher depoimentos de pessoas que se dedicam ao exercício do corpo em espaços na cidade de Natal/RN, a pesquisadora Terezinha Petrucia de Nóbrega (2008) se deparou, entre seus depoentes, com alguns praticantes de skate. Em seu estudo, ela transcreve o depoimento de uma moça de 24 anos, skatista, que relata sua motivação pela prática desta atividade como sendo um “estilo de vida”. Em suas investigações, Nóbrega conclui que “os diferentes espaços constituem diferentes maneiras de produção de sentidos e de intensidades na experimentação do corpo” (2008, p. 415) e que a produção de um estilo de vida excitado pode ser algo que venha a ultrapassar a gestão disciplinadora dos espaços. Em suas palavras,

Parece-me que os aspectos lúdico, meditativo, expressivo das práticas corporais podem oferecer uma alternativa ao exercício como forma de controle, disciplina, assujeitamento. Investir nesses territórios pode ajudar no trabalho de resistência, na

⁷ <https://vista.art.br/situacionistas-realidades/>, acesso em 06/07/2022.

afirmação da vida, na revitalização dos sujeitos, na liberação de novas potências (2008, p. 417).

Neste artigo, nos propomos a refletir e a comparar a noção de heterotopia advinda do filósofo Michel Foucault com a prática do skate urbano, tomando, para tanto, referência na produção do coletivo Flanantes. Concluímos que embora exista toda um conjunto de fatores que buscam normatizar a vida urbana, ainda é possível observarmos linhas de fuga em dinâmicas que produzem uma outra cidade, que fazem um contra-uso dos espaços públicos. A prática do skate nas ruas, tal como realizada pelos skatistas deste coletivo e expressa nos diversos vídeos por eles produzidos, são exemplos concretos e localizáveis de heterotopias!

Referências bibliográficas

BAUDELAIRE, Charles. **Sobre a modernidade**: o pintor da vida moderna. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

BRANDÃO, Leonardo. **Para além do esporte**: uma história do skate no Brasil. Blumenau: edifurb, 2014.

_____. **A cidade e a tribo skatista**: juventude, cotidiano e práticas corporais na história cultural. Dourados: Ed. UFGD, 2011.

FOUCAULT, Michel. Outros Espaços. In: **Ditos e Escritos** (volume III). Estética: literatura e pintura, música e cinema. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

_____. *Resumo dos cursos do Collège de France (1970 – 1982)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

_____. **História da sexualidade I**: A vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

_____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

HAESBAERT, Rogério. **Viver no limite**: território e multi/transterritorialidade em tempos de in-segurança e contenção. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

HARVEY, David. **Cidades rebeldes**: do direito à cidade à revolução urbana. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

MACHADO, Giancarlo. Praça Roosevelt: sociabilidade e conflitos em um pedaço skatista da cidade de São Paulo. In: **Periféria**: revista de pesquisa e formação em antropologia, n. 19 (1), 2014, p. 1 – 26.

MAFFESOLI, Michel. **Homo eroticus**: comunhões emocionais. Rio de Janeiro: Forense, 2014.

MEIRELES, Ildenilson. Precariedade e Biopolítica: uma leitura do dispositivo de segurança em Michel Foucault. In: **Revista Argumentos**, vol. 16, n. 1, jan/jun de 2019, p. 232 – 248.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. O exercício dos corpos na cidade: o espaço, o tempo, o gesto. In: ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de; VEIGA-NETO, Alfredo; SOUZA FILHO, Alípio de (Org.). **Cartografias de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008, p. 407 – 417.

VALVERDE, Rodrigo. Sobre espaço público e heterotopia. In: **Geosul**, Florianópolis, v. 24, n. 48, 2009.

Recebido: 31/08/2022
Aprovado: 13/12/2023